Cavalos do amanhecer

O cão saiu do rancho e, perto da porta, pôs-se a latir e uivar para a noite sem lua. Depois voltou e deitou-se, rosnando, na cinza aos pés do dono.

– Não se assanhe, Correntino – disse Martiniano Ríos, que nas longas madrugadas de fogo de chão (era um gaúcho habituado a esperar o dia *lavando* morosamente o mate comprido) costumava dizer coisas ao cachorro.

Achas de coronilha ardiam em brasas cor de sangue, os gravetos choravam uma seiva espumosa e levantavam pequenas chamas de bordas azuladas, a fumaça fugindo pela porta entreaberta e pelas frestas da quincha. Numa espécie de nicho cavado na parede de barro, uma peça de bronze, que um dia tinha sido a calota de uma carruagem luxuosa, servia de pedestal a um candeeiro que fumaceava quase tanto quanto o fogo.

Ainda faltava muito para amanhecer. A nova luz, para chegar àquele rancho solitário, precisava vencer léguas de trevas, andar bom tempo sobre coxilhas e repechos onde o vento negro penteava o pasto de outono, sobre arroios que varavam a noite às cegas

e cavalhadas inquietas e vacas de grandes guampas, sobre montes, cerros, casarios.

Martiniano, abancado num cepo, mateava e fumava com gestos lentos, precisos. Envergava todas as suas prendas, desde as botas até o chapéu de copa redonda. Na guaiaca larga e adornada de moedas, o facão de aço espanhol e o revólver de cano curto, de fabricação francesa. A poucos passos, no outro lado do tabique de juncos que dividia o rancho em dois, dormiam a mulher e o filho. Embora não o sentisse claramente, aquelas criaturas adormecidas – carne quase própria, repousada e indefesa –, mais do que próximas, estavam como dentro dele, profunda e misteriosamente.

Correntino, como sempre, não dormia nem cochilava. O cachorro de pêlo tigrado seguia dando mostras de um desassossego insólito e mais de uma vez seu dono precisou silenciá-lo.

– Cusco de merda – chegou a dizer. – Quer acordar Josefa e o guri?

Josefa, bem mais jovem do que o quarentão Martiniano, era uma mulher tristonha e indiática, com um daqueles corpos nativos de fêmea que, *a lo largo*, sempre se tornam um pouco pesados. Tinha uma pele suavíssima e nela um cheiro fundo, bravio – como de sanga à sombra de salgueiros –, que Martiniano farejava como animal perdido à procura de

um rumo, e que, segundo lhe constava, nenhum outro homem tinha farejado.

O guri era um piazito magrelo, vivaz, de oito anos recém-feitos, cujos traços prometiam recordar um dia a cara ossuda, tensa, pouco expressiva e às vezes carrancuda do pai.

– Se acalme – tornou Martiniano (que jamais tuteava o cachorro), num tom que quis ser amistoso. – Antes de clarear o dia não podemos saber o que se passa em sua cabeça.

Mas Correntino continuou agitado e o homem, pouco a pouco, também foi-se enervando, sem demora teve a certeza de que alguma coisa ruim, ou ao menos perigosa, era adivinhada pelos sentidos de bruxaria daquele neto de cães selvagens. Ainda assim, continuou a cevar e a tomar seus mates com a moderação habitual. Várias coisas pensou. Entre elas, recordou-se de que dias antes, no bolicho, ouvira falar na possibilidade de uma guerra civil. De vez em quando, como sempre, golpeava as achas de coronilha com um arame trançado e encostava as brasas na cambona negra e bojuda. Seu único gesto inusitado foi levar uma vez a mão à guaiaca, para comprovar o que sabia: ali estavam o revólver e o facão.

Grande era a intimidade de Martiniano com as horas derradeiras da noite. Sabia esperar o dia com um ajuste perfeito entre sua alma e o tempo liso da espera. Nesse ajuste se somavam ou colaboravam o fogo, o

mate, o fumo, o bem-estar do corpo descansado e são que dormira com mulher, o sereno encantamento de estar só e sentir-se acompanhado. Naquela madrugada, contudo, uma impaciência nova substituía-se ao gozo antigo e manso do amanhecer, e a aurora parecia retardar-se além da conta. Quando, finalmente, ela chegou, quando Martiniano *soube* – por cem signos, sem necessidade de olhar – que já clareara o bastante, levantou-se, apagou o candeeiro e saiu do rancho. Deixou trancado o cachorro, em cuja discrição não podia confiar.

Vastas luzes já se adonavam do céu, mas ainda remanesciam massas de névoa noturna, como querendo resistir ao rés do chão. O rancho ficava ao pé de uma coxilha alta, quase na base da encosta que ascendia suave e longamente. Martiniano, com passos receosos, detendo-se repetidas vezes para observar as cercanias, deu uma volta completa ao redor dele. Nada viu que justificasse a inquietação de Correntino e seguiu caminhando até o forno de pão. O vento da noite morria pouco a pouco, em sopros cansados. No lombo da coxilha, fragmentos de névoa se afastavam uns dos outros, como a debandar sem pressa. Estava nascendo o dia no céu, estava subindo a estrela d'alva como um olho de cavalo assassinado, e as estrelas em pânico fugiam ou naufragavam. E estava nascendo o dia também na terra, em torno de Martiniano, com a algazarra dos passarinhos nas árvores, os mugidos

da vaca leiteira, as galinhas saltando dos galhos baixos do umbu e dos beirais do galpãozinho. Martiniano esperava, sem saber o que esperava, e foi então que ouviu o coro dos quero-queros.

Um bando de quero-queros escandalizando o amanhecer não era coisa que pudesse chamar a atenção de um gaúcho. Mas os sempiternos gritões tinham vários estilos de gritar, e aquele bando invisível o fazia de maneira excessivamente desaforada e unânime. Por certo era um bando numeroso e os gritos vinham de cima da coxilha. Nessa direção pôs-se a caminhar Martiniano e em seguida parou, vacilante, à escuta, a meio caminho entre o palanque e o galpãozinho. Os quero-queros gritavam com fúria, decerto voando baixo, na altura da cabeça de um homem a cavalo. Martiniano retrocedeu sem dar-se conta e foi postar-se junto ao bocal do poço, numa atitude de coruja vigilante.

Aquele bocal fora erguido com pedras bem talhadas e solidamente assentadas, mas dispostas ao arrepio do prumo e da aparência. Era pouco mais alto do que o comum dos bocais e não era redondo. Tinha dois pilares também de pedra e também toscamente construídos. Os pilares sustentavam um travessão horizontal, pedaço de antigo varal de carreta. De tão exagerado eixo pendiam a roldana de madeira e um grande gancho de ferro. Pendurado neste, o balde de latão com sua corda enrolada como um laço.

Martiniano se acotovelou no bocal. Cabeça afundada nos ombros, queixo apoiado nas mãos juntas, esquadrinhava a coxilha com um olhar comprido. Os quero-queros continuavam a gritar como se jamais fossem calar-se. O dia ainda crescia, com toda a prepotência minuciosa com que nascem no campo os dias ensolarados. Martiniano respirava, sem que mentalmente registrasse, a emanação noturna do poço, o alento quase de ser vivo e ligeiramente trevoso da umidade e da água lá embaixo em seu sono provisório. Já sabia que esperava um ginete, ou vários, ou muitos. Exigia como nunca de seus olhos adestrados à distância. Viu ou pensou ver, contra os primeiros albores da manhã, quero-queros que se elevavam, planando, para mergulhar verticalmente sobre algo que se movia. Então trepou no bocal, agarrou-se ao travessão e ali ficou, de pernas abertas sobre o poço, a investigar os altos da coxilha.

O poço tinha uma profundidade de mais ou menos vinte metros. Nos primeiros era de bom diâmetro, com pedras iguais às do bocal, mas logo abaixo se estreitava e, num traçado irregular, ia mergulhar nas duras rochas do subsolo. Era mais velho do que a memória, ninguém no pago poderia dizer com certeza quem fora o poceiro e muito menos por que o cavara naquele lugar (a tradição oral aludia vagamente a um gringo e talvez tivesse sido mesmo um gringo, pois o uso nativo era o barril com rodas ou arrastado, o

sofrido petiço aguateiro e a peregrinação à sanga ou à cacimba). Possuía um depósito escasso, de menos de um metro d'água, mas a repunha com rapidez pelas vertentes do fundo. A água era salobra, levemente azulada, com um frescor íntimo e quase alegre, ou ao menos cordial. Martiniano mais de uma vez descera para limpá-lo, auxiliado por Josefa, que com um espelho transferia lá para o fundo um raio trêmulo de sol. Descer era fácil, subir não era tão difícil.

Não soube Martiniano o momento exato em que, distintamente, pôde avistar os ginetes. Eram muitos, talvez uns cinqüenta. Coroaram a coxilha e, num tranco lento, empreenderam a longa descida pela encosta. Vinham em filas desordenadas e em pequenos grupos de três, de quatro. Quase todos traziam cavalos de tiro e alguns mais atrás vinham repontando cavalos soltos. Embora ainda não corresse o risco de ser visto, Martiniano, sem soltar o travessão, ocultou-se atrás de um dos pilares e seguiu vigiando, os olhos menos exigidos, mas atentos. Viu ou pensou ver as lanças, uma bandeira, as divisas, o reflexo do sol nos canos das carabinas, a postura "diferente" do homem que encabeçava a marcha. Adivinhou ou imaginou as caras (aqueles rostos barbados que vemos em fotografias amarelas, sem saber ao certo o que buscamos), a dura, fria e talvez insone e talvez fanática resolução nos olhos. O espetáculo não era novo para ele, mas muitos

homens a cavalo, armados, sempre impressionavam. Sua mão livre tateou o cabo do revólver.

Os quero-queros já não gritavam ou ao menos não os ouvia. Os ginetes, ao longe, mudaram ligeiramente de rumo, na direção das casas. Martiniano saltou do bocal e, curvado, voltou ao rancho.

A mulher e o filho ainda dormiam. Ele acordou Josefa, disse-lhe que estava vindo outra guerra e que decidira se esconder.

– Como? – perguntou ela, ainda estremunhando no grande catre de guascas.

– Vem vindo outra guerra – repetiu Martiniano, baixo. – Servi duas vezes e não quero servir mais.

– Como? – tornou a perguntar Josefa, já sentada.

Martiniano deixara aberta a porta da cozinha e também a porta de couro do tabique. Naquela frouxa claridade, Josefa tentava decifrar o rosto de seu homem. Ainda enredada no sono, continuava sem compreender.

– Vem vindo outra guerra – disse ele, alto.

– Não acorda o guri. Outra guerra?

– Isso.

– Como sabes?

– Vem aí uma partida.

– De que lado são?

Martiniano disse de que cor era a bandeira, como eram as divisas, e acrescentou:

– Me cago pros dois. Eu não vou...

Interrompeu-o a entrada repentina de Correntino, com latidos que eram um único latido (ele saíra do rancho, recorrera a vizinhança e voltava sobrecarregado de alarmas). Martiniano calou-o com um grito e um pontapé, e o cão se refugiou, ganindo, debaixo do catre do guri, que despertou e ergueu-se.

– Dorme, filho – mandou rispidamente o pai, empurrando-o e obrigando-o a deitar-se.

Josefa era demasiado simples para perguntar-se até que ponto conhecia seu homem, mas, sem o saber, estava fazendo tal pergunta no modo de fitá-lo e no tom com que disse:

– E tu... vais te esconder?

Martiniano aproximou-se dela, falando em voz baixa para que o menino não ouvisse. Disse-lhe que sim, que resolvera se esconder, que não pretendia servir outra vez e que não queria saber de *blancos* ou *colorados*. Quase num sussurro, confiou-lhe que se esconderia no poço.

– Diz pra eles que ando tropeando – e erguendo um pouco a voz, já na porta: – Esconde as esporas e o poncho!

– Mas... – quis objetar Josefa.

– Não discute, mulher – disse Martiniano.

Por trás de um pilar do poço espiou uma vez mais os ginetes ao longe. Em seguida jogou o balde, subiu no bocal e agarrou a corda. Desceu com facilidade, apoiando o bico das botas nas saliências da

parede. Ao pisar nas pedras do fundo, a água, como despertando em sobressalto, envolveu-o com seu frescor até a altura da coxa.

Quem desce num poço como aquele se distancia do mundo de uma maneira estranha. Vinte metros de descida por um buraco cavado na noite sem fim do subsolo é uma viagem vertiginosa e com certa magia. Entra-se num reino de fábula, onde tudo parece existir de forma espectral. Entra-se, nada impunemente, na vida surda e secreta do humo, na argila que sua um suor frio e cheira a tumba recém aberta, no pedregulho e na rocha que nada sabem da luz, no mundo das águas que deslizam sem parar como répteis sem olhos. Aquele que desce vai levando seus ossos até os ossos de seus antepassados e daqueles seres sem cara e sem nome que foram comidos pela terra em qualquer parte do planeta. Cada vez mais escuro e deprimente faz-se o poço. O céu é apenas uma moeda, uma distante e pequena e às vezes cinzenta moeda, e amiúde é possível ver nela, em pleno dia, estrelas que parecem duplamente longínquas. Há também um silêncio nu e puríssimo, que de imediato se integra ou se acrescenta ao negrume e à pedra, e o fundo do poço é um lugar onde se está sem estar de todo, onde muito se participa do não-estar, do ter partido, do estar morto. Nos poços fundos o ar não se renova ou mal se renova, e a falta de oxigênio (que apaga os fósforos e torna inúteis os isqueiros) acelera o coração,

afrouxa o corpo e, ao cabo de alguns minutos, provoca uma embriaguez bem singular, tão singular que quase não merece ser chamada assim, é mais uma tontura com leveza de alma, uma espécie de vazio que expulsa o homem de si mesmo e o afasta um tanto do velho tempo de seu sangue.

Nessa embriaguez enganosa que de algum modo o separava do que havia feito antes e do que vivia agora, Martiniano encostava-se na parede irregular e, de tanto em tanto, erguia os olhos para o opaco redondel do céu. Já não sentia o frescor da água nas pernas. Não era capaz de ter consciência de outras sensações que não as elementares, mas sentia que alguma coisa sua, talvez importante e que não conseguia identificar, parecia fugir dele como fogem os sonhos de quem desperta. Suas mãos procuraram a corda que pendia na escuridão a poucos centímetros de seu rosto, mas logo a soltaram. Não é impossível que, ao mesmo tempo, chegasse a sentir os avanços de um desapego ao que era pessoal, ao que era ou tinha sido Martiniano Ríos. A falta de oxigênio fazia com que suas têmporas latejassem, sua boca úmida e entreaberta tinha o gosto metálico da febre. Era menor a freqüência com que levantava os olhos. O silêncio, a escuridão e a pedra, associados como para sempre, cingiam-se progressivamente acima de sua cabeça e ao redor de seu corpo frouxo. E o tempo, também progressivamente, era menos a costumeira e natural correlação entre seu

pulso e a duração das coisas, e mais outro tempo que, por sua vez, mentia-lhe, porque era um tempo livre, sem governo, e dele prescindia por ser também um tempo de mundo morto.

De repente, algo reviveu no fundo do poço. Martiniano percebeu uma tensão na corda e notou que o balde, caído aos seus pés, começava a mover-se. Apertou o corpo contra a parede e cobriu o rosto com os braços. O balde roçou nele e bateu-lhe fracamente no lado da cabeça. Um dos ginetes, com certeza, ia tomar um caneco d'água. Um instante depois sentiu uma grande angústia e desejou, suplicou até que o desconhecido (imaginou-o velho, de barbas brancas) baixasse o balde. Passaram-se minutos como léguas e nada aconteceu. Sem a corda, jamais conseguiria sair do poço. Pensou na mulher e no filho. Chegou a lembrar que Josefa mais tarde baixaria o balde, mas a lembrança de nada lhe serviu. Esteve a pique de gritar. Também esteve a pique de tentar a impossível empresa de subir pelas paredes e até agarrou-se a algumas saliências, esfolando os dedos. Essa ansiedade, no entanto, não se prolongou. Como esgotado, como se tivesse gasto a quantidade disponível de energia e angústia, Martiniano se apaziguou ou se entregou e se deixou levar – a cabeça inclinada, o corpo ainda mais frouxo – por aquele tempo que, simultânea ou alternadamente, enganava-o e o esquecia. E se deixou

cair no desapego e na desesperança, estado ao qual não era alheio certo bem-estar indefinível.

O ruído do balde, que descia batendo nas paredes, despertou Martiniano. Por certo, era Josefa. Ergueu os braços, mas não pôde evitar que o balde (o aro de ferro que possuía na base) o ferisse levemente na altura das sobrancelhas. Agarrou com força a corda. Dois fios de sangue lhe correram pelos lados do nariz, alcançando o bigode, a boca. Percebeu que, ao pegar e apertar a corda, retomava algo de si mesmo, começava a recuperar parte do mundo que o poço roubara ou havia cerceado. Três ou quatro vezes passou a língua nos lábios e o gosto do sangue acudiu secretamente em seu auxílio, fez-lhe um favor preciso e anônimo, quase clandestino. Olhou o pequeno círculo do céu (bem mais claro do que antes), que lhe pareceu muito alto, tão alto que ele até se surpreendeu. Respirou fundo, encheu os pulmões com aquele ar pobre e começou a subir. Subia com extrema dificuldade: estava fraco, entorpecido, e a sola escorregadia das botas não se firmava nas pedras. Varias vezes precisou deter-se para descansar e, sobretudo, para respirar. Em nenhum momento pensou que não poderia subir, mas sentia, na medida que subia, maiores ânsias de alcançar o bocal, crescente urgência de voltar ao mundo. Chegou, afinal, à parte em que havia pedras lisas e bem calçadas, ali era ainda mais difícil apoiar as botas. Fez um grande esforço, subiu outro tanto. Ergueu os

olhos e a luz do dia o ofuscou. Mais um esforço, outro ainda, um grande esforço final e conseguiu sentar-se no bocal, pestanejando, ofegante.

Subira muito o sol enquanto Martiniano, por assim dizer, havia faltado. A manhã ia já pela metade, estática, gravemente luminosa, era um dia outonal cheio de si mesmo e como bem maduro. No centro do dia e de sua própria solidão, viu Martiniano as casas que eram ou tinham sido suas. O primeiro olhar nada lhe restituiu. Cobriu os olhos com as mãos, encheu e tornou a encher os pulmões, e então olhou, piscando, o rancho, o galpãozinho, o palanque, as árvores... Os únicos seres vivos que avistou foram as galinhas que ciscavam no esterco deixado pelos cavalos do amanhecer. Martiniano olhava e não se achava. E Josefa? E o guri? Quem perguntava era um outro Martiniano, que parecia chegar para juntar-se a ele. Desceu do bocal, com pressa de chegar ao rancho. Pouco faltou para que tropeçasse, metros adiante, no corpo de Correntino, lanceado no costilhar e degolado *a lo cristiano.*

A porta do rancho estava aberta.

Martiniano entrou e encontrou sua mulher sentada no cepo, curvada, o queixo muito próximo dos joelhos, nua e protegendo-se com um cobertor. Sondou-lhe o rosto, os olhos, e compreendeu que muitos homens se haviam revezado em cima dela. E ela não baixava os olhos (vivos e muito humanos, embora sem vontade de expressar coisa alguma, na

cara de animal judiado). Olhavam-se em silêncio. E nesse silêncio Martiniano ouviu um soluço no outro lado do tabique de juncos. Abriu a porta de couro com um pontapé. Não no catre pequeno, mas no grande, no conjugal, estava seu filho, encolhido, o rosto oculto entre os braços, chorando baixinho. Martiniano abriu a janela, viu os salpicos de sangue e não precisou ver mais nada para saber que o menino tinha sido castrado. Fechou os olhos, o rosto contraído. Deu meia-volta, abandonou o quarto. Ao passar pela cozinha olhou para Josefa com olhos que pareciam dilatar-se.

Martiniano Ríos chegou ao poço e tirou um balde com água, colocando-o sobre o bocal. O nó da corda na alça do balde estava muito apertado, ele desembainhou o facão e o cortou. Ia guardar novamente o facão, mas desistiu, cravou-o numa greta do travessão e ali o deixou. Com grande cuidado pendurou o balde cheio no gancho de ferro. Depois lançou a corda ao poço e subiu no bocal. Desceu com facilidade, chegando sem demora ao fundo. Decerto nem sentiu a água nas pernas. Sua mão procurou o cabo do revólver, os dedos da outra apalparam o percussor. Apoiou o cotovelo na parede, o cano da arma encostado na fronte. Nem olhou para cima.



O VÔO DA GARÇA-PEQUENA

Pela segunda vez cruzava o rio naquele dia. Durante a madrugada carregara sete bolsas de farinha na margem correntina e viera entregá-las a um padeiro de Itaqui, numa prainha águas abaixo da cidade. Agora ia buscar mais sete. Serviço duro, mas López estava satisfeito. Por toda a semana estivera cheio, duas cargas por dia, e tinha a promessa de mais trinta se o fornecimento não se interrompesse.

No outro lado, amarrou a chalana no salso que era já seu ancoradouro. Agarrou o pelego que forrava o banco e saltou para a terra, pensando que em seguidinha ia ferrar no sono e descontar a noite maldormida. Mas às vezes dá nisso: um deita, tem sono e não dorme. O rio macio e suspiroso, o cheiro do barro, o verde úmido e o silêncio soltando o pensamento...

Atravessou a faixa de mato pela estreita picada que ele mesmo, dias antes, aviventara a facão, foi dar na

estradita vicinal onde mais tarde viria descarregar o Fargo do farinheiro correntino. Os quilombos do Alvear ainda estavam fechados, mas era certo que num deles podia entrar a qualquer hora e até já havia entrado um ror de vezes. Com a vieja Cocona eu me entendo.

Menos de légua costa acima, depois de um banhadal e antes da primeira rua da vila, ficava o La Garza. López entrou por trás, pela cozinha, Cocona fazia pão e ele pronto ficou sabendo que o chinerio tinha saído às compras, só volvia à noitinha. Tomou uns mates com a velha, desacorçoado, já pensava em ir-se quando chegou da vila alguém que ele desconhecia. Era uma mulherinha minga, delgada, figurinha que a natureza regateara em tamanho mas caprichara no desenho. Trazia uma sacola no ombro. Cumprimentou e passou ao corredor dos quartos. López, que dizia qualquer coisa à velha, silenciou. Cocona fez roncar o mate e cabeceou para o corredor: aquela era nova na casa, Maria Rita, tinha sido mulher de um posteiro em Maçambará e o deixara para fazer a vida. Metida a idéias, mas no fundo boa pessoa. Não era certo que ficasse no La Garza, pois se dizia que o marido era violento e não se conformava.

– É um bibelô sem defeito – disse López. – Se ficar, enrica o plantel.

Pegou a cuia que a velha oferecia.

– Tá bonito isso – tornou, vendo Cocona cortar a massa em pedaços iguais e dando por cima dois talhos em cruz. – Se não demora, espero.

Hum, fez a velha, então não sabia que a pressa abatumava? López sorriu, quando eu era guri, ele disse, minha

mãe fazia pão dia sim dia não. E como demorava, ele disse, no inverno era a noite inteira levedando. Contou que ela largava uma bolinha de massa num caneco d'água e ele ficava cuidando, aflito, pois só quando a bolinha subia o pão era enfornado.

– Às vezes sinto aquele cheiro. Pão de mãe não tem igual, verdade?

Sí, verdad, Cocona sentou-se e fez um gracejo malicioso por causa dos odores que ele dizia sentir. Em seguida Maria Rita apareceu, vestido mudado, chinelinhas. Cocona a chamou, vení chiquita e que aquele era López, o homem dos rádios. A moça o olhou com interesse, ah, o López, comentou que os aparelhos eram bons de fato e pegavam estações de outras cidades. Cocona acrescentou que um mimo como aquele em cada quarto era complemento muito chic e impressionava a freguesia, pois nem mulher de estancieiro tinha rádio de cabeceira, tinham quando muito, e na sala, aquelas velharias tipo caixa de maçã.

– Também quero um rádio – disse Maria Rita. – Quando é que o senhor vai de novo a Uruguaiana?

A velha interveio, Maria Rita não devia comprar rádio agora, sem saber se ia ficar na casa.

– Mas eu quero um pra mim, sempre quis. A senhora não precisa pagar, eu pago, é pra meu uso.

A velha tomou a cuia de volta. López, de olhos baixos, pensou que ia ficar até mais tarde no La Garza, já se afeiçoava à idéia de dar um galope naquela piguanchinha limpa e bem-feita, ainda não lonqueada por arranhão de barba e cabeceios do peludo.

– Mesmo que a menina não fique pode ter seu rádio.

– Y bueno – Cocona encolheu os ombros.

– Quanto custa um igual ao da Paraguaia? – quis saber a moça.

López deu o preço, incluindo a viagem e os pilas de sua comissão. Ela fez beicinho, o dinheiro não dava, como é caro e espiou Cocona, a velha chupava o amargo de olhos fechados.

– Com plata à mostra se pechincha – disse López. – O importante é que a menina possa adormecer com um chamamé ao pé do ouvido.

Ela sorriu, alegre.

– Então eu quero. Pra quando o senhor pode?

– Uns sete dias. Agora tô passando farinha, tenho compromisso, mas pra semana...

Cocona abriu os olhos. Meteu a mão no bolso do paletó de homem que usava, puxou um maço de dinheiro enrolado num lenço. Equilibrou a cuia no regaço e contou as notas com vagar, franzindo o cenho. Deu a López o equivalente à metade de seu preço.

– Un rojo como el de la Paragua – e como López resmungasse, cortou: – Ni un peso más.

Levantou-se, pegou a bengala atrás da porta e ia salir un rato, disse, já voltava. Disse também que sobrava meia tetera quente, mas que o casal decerto nem ia precisar de tanto. Olhou para López.

– Quedáte con la galleta de tu vieja.

López moveu-se, incomodado. Relanceou Maria Rita, a moça olhava para o chão.

– Vai querer um mate?

Ela fez que não.

– Não é do seu costume?

– É, sim, mas não quero.

Ele se serviu. Maria Rita ergueu-se, da porta viu Cocona afastar-se por uma trilha entre macegas.

– Onde é que ela vai?

– E eu sei? – disse López. – Fica embromando por aí, vá chá-de-língua. Às vezes visita Dom Horácio. O velho foi caso dela quando moço, dizem. Agora enviudou e ela vai lá, proseia, toma chimarrão, decerto ficam se toureando.

– O senhor tem caso com mulher daqui?

– Eu?

– Pergunto.

– Eu não tenho caso com ninguém, nem quero.

– É melhor assim, não ter nunca... não acha?

– Pois... isso depende, não?

– O senhor sabe que sou... que fui casada?

López fez um gesto vago.

– Pois é – tornou ela –, um caso antigo, de papel passado e tudo, e não deu certo. Me separei faz pouco e... – interrompeu-se, esfregou as mãos. – Ele me surrava, não me deixava conversar com ninguém.

López serviu-se novamente, muito sério.

– É a vida. E o mate, agora vai?

Ela voltou ao banquinho, cruzou as pernas.

– O senhor acha isso certo?

– Isso o quê?

– Surrar mulher.

– Pois, pra lhe dizer a verdade, até nem sei – disse ele, escolhendo as palavras. – Se é por traição, vá lá, mas surrar de graça...

– Também acho. Mulher, tendo um homem bom, é parceria pra tudo.

– Isso é – fez ele, sinceramente. – E a gente só dá valor na hora de se aliviar.

Ela desviou os olhos, López sorriu e fez roncar repetidas vezes o mate, em sorvinhos curtos.

– Eu, por exemplo, já vou pra mais de semana no seco, ombreando farinha, remando e dormindo. Isso dá nos nervos. Qualquer dia me atraco numa ovelha.

– Credo – ela riu.

– Mas é isso mesmo... Ano passado quase tive um caso, caso sério, seriíssimo – deu uma risada –, com a borrega de um chacreiro meu vizinho. Quando eu passava pela estrada e não boleava a perna, ela me perseguia do outro lado do fio, mé e mé e dá-lhe mé, de rabinho alçado.

– Que horror – tinha dentes bonitos, um deles meio empinadinho.

– Não quer mate mesmo?

– Quero.

– Tá meio lavado.

– Não faz mal.

López ofereceu a cuia, ela descruzou as pernas, sorriu de novo.

– Já ouvi falar – disse, num tom incerto – que mulher também faz outras coisas.

– Por supuesto – quis logo concordar. – Elas cozinham, remendam, plancham, dão cria, imagine o que ia ser da gente...

– Eu acho – cortou ela –, quer dizer, não é que eu ache, eu ouvi dizer que em Uruguaiana ou no Itaqui tem uma mulher doutora, trabalha no hospital.

– Mulher doutora? Virgem!

– Pois tem. Eu ouvi no rádio da Paraguaia, trabalha no hospital.

– Nunca ouvi falar. A toda hora ando no Itaqui, em Uruguaiana, e ninguém me contou isso.

– Pode ser em São Borja, não me lembro bem.

– E faz operação?

– Não sei, diz que trabalha no hospital.

– Bueno, decerto é ajudanta.

– Por isso quero o rádio – tornou ela, com os olhos muito abertos. – Com o rádio a gente fica sabendo do que acontece no mundo, em Porto Alegre, a gente pode ter idéias...

Pronto, pensou López, ali estava o que Cocona queria dizer, uma mulher de idéias. Com certeza era mais uma querendo virar homem, como a tal doutora de São Borja e uma outra que ele mesmo tinha visto, a professora da vila do Bororé fazendo um discurso. Mulher fazendo discurso, era só o que faltava. Ela suava no bigode. Meus correligionários, ela gritava, e suava no bigode. Um baixinho de boina retrucou que a dona precisava mesmo era de um pau-de-mijo para sossegar dos nervos.

Maria Rita ainda estava a falar de idéias, em saber ou não saber, mundo isso e mundo aquilo.

– A menina sabe que ando precisado e fica inventando novidades – disse ele.

Ela alisava o vestidinho na coxa, cabisbaixa.

– Que sei eu de mundo – continuou. – O mundo que eu sei é o rio aí, a farinha, Cocona, a freguesia, esse é o mundo. Aquilo que a gente enxerga, sente. Como isso aqui – e pôs a mão entre as pernas.

A moça empalideceu, levantou-se.

– Meu quarto é o segundo do corredor.

Quis erguer-se junto, mas uma súbita inquietude o prendeu no banco. Outro mate, um cigarro gustado com vagar, ele observava a correição das formigas na cozinha, o trotezito delas de um lado e outro, como desnorteadas, e seu pensamento vagueava igual, disperso, por vastidões que ele não reconhecia. Tentou livrar-se desses melindres com uma cuspida no chão, levantou-se, então um homem cumpridor já não tinha o direito de desentupir os grãos?

Maria Rita deixara a porta aberta e estava deitada na cama, sem o vestido. López entrou, fitou-a com um olhar sombrio. Viu no penteador um gatinho de louça, uma escova, um pente de osso, viu também o vestidinho na cadeira, dobrado, as chinelinhas juntas ao lado da cama. Tirou a campeira, desafivelou o cinto, sentindo que alguma coisa estava errada, torta, emborquilhada, alguma coisa que ele não sabia o que era... e decerto era

aquilo que fazia com que sua cabeça quisesse a mulher e seu corpo o cristeasse, só formigasse em dormências. Sentou-se na cama, mudo, ela o fitava.

– Também não é assim – disse, por fim, com uma voz que lhe pareceu de outra pessoa.

– Assim como? Faz de conta que sou a sua borrega.

Ergueu as pernas e tirou a calça. Vendo-a nua, López sentiu um calor no rosto e pensou que agora mesmo ia bochar aquela mina bruaca, agarrar o pescoço dela e espremer até que pusesse para fora, pretinha, aquela língua do diabo. Salvou-a, ou salvou-o, a voz serena e boa com que ela o surpreendeu.

– Também acho que não é assim.

– Claro – disse ele, sem olhar. – Mulher não é que nem ovelha.

– Não quer deitar? – e arredou o corpo, gentil.

Ele se ergueu rapidamente.

– Não, gracias – e prendeu o cinto. – A mim me agradava por demais o seu favor, mas a prosa ia boa e o tempo foi passando... meu farinheiro há de estar no mato.

– Quem sabe tu te atrasa um pouco – e López notou que agora ela o tuteava.

– Outro dia, quando trouxer seu rádio.

Ela sentou-se, cobriu-se com o lençol.

– Tu vai mesmo me trazer o rádio? Não embrabeceu comigo?

– Ora, dona, quem tem que embrabecer é o boi, que é capado e tem guampa.

Ouviu os golpes da bengala de Cocona nas lajes da cozinha, vestiu a campeira. Tirou do bolso o dinheiro que a velha lhe dera e pôs em cima da mesinha, debaixo do castiçal. Ela seguia seus movimentos, mordendo o lábio.

– Não se preocupe. Numa semana boto nessa mesa um Philco vermelho de três ondas, mais tranchã que o da Paragua.

– O dinheiro – ela protestou.

López levou o braço, apertou-lhe a mão.

– Fica com a senhora, como um recuerdo meu.

Maria Rita o fitava intensamente, ele fez um cumprimento de cabeça e saiu. Ao passar pela cozinha despediu-se ligeiramente da velha e fez que não ouviu quando ela indagou se a galleta de Maria Rita também era cheirosa.

No caminho para o sítio onde deixara o barco, ia com pressa, forcejando para não pensar ou só pensando nas suas trinta cargas de farinha. À sua passagem, nos banhadais que espremiam a estradinha, debandava a bicharada: assustados dorminhocos, marrequinhas-piadeiras, tajãs gritões, maçaricos ligeiros, narcejas acrobáticas... e de um ninho de gravetos, na moita de um sarandi, alçou vôo a mais graciosa de todas as aves do banhado, a garça-pequena com seu véu de noiva, suas plumas alvíssimas, e voava longe, para o alto, e era o vôo mais tristonho e mais bonito. López talvez a tenha visto. Ou talvez não.